

Numero offerecido, dedicado e consagrado ao artista Furtado Coelho.

Insidias contra nós caricaturistas. — Lamentações de Jeremias.



O actor que não tem cabellos
e á mostra a cabeça nos theatros,
nos parece que está de cabellos
so fazer um papel de rapaz.

Caminhamos todos, os do lapis,
sobre alfinetes para sermos justos;
unico fim a que visamos.

Tu és a arte
Serena e viva...
— A arte o que?
— A arte Calva.



Em politica — se atacamos os conservadores — riem os liberaes — e acham-nos razão.

Porque quando fazes
Do Carnielli,
Não pões cabellos
De roblioli?



Se atacamos os liberaes — riem os conservadores e acham-nos razão. — Ninguém vê o arguello no olho do vizinho.

Toma Luiz
O que te dou
E' um chinó
P'r' Otillon Barrot,



Se fallamos de conferencias — são — são os republicanos. — Não temos razão.

(Continúa)



O Pirata, revista litteraria e noticiosa, n.º 1. — *O Pirata* tem por fim, *apoderar-se da propriedade alheia para vendel-a ao publico por baixo preço.*

Bôa idéa!

O que mais desejamos é que o nosso relógio e as nossas algebeiras não lhe fiquem ao alcance das mãos.

Sonhos de ouro, *impromptu-polka* pelo Dr. Lucindo Filho. — Cá por casa, o unico que entende de musica é o Hop-Frog: já assobia o

Vae, marinheiro,
Vôa ligeiro, etc.

Si D. Francisca Gonzaga ou o Lino vierem aqui pelo Cailtau, pôde contar com o nosso juizo critico.

Alvaro da Cunha, drama em 5 actos, por João Ferreira da Cruz. — Já estão distribuidos os papeis para a representação deste bello drama, que sobe á scena qualquer dia destes em nosso escriptorio.

PERSONAGENS:

D. Luiz de Mendonça.	<i>Simão da Motta.</i>
D. Leonor (filhos de)	<i>Hop-Frog.</i>
D. Jayme (D. Luiz)	<i>Dantas Junior.</i>
Miguel Ferrão, creado.	<i>Dona Bibaz.</i>
Luiza, creada.....	<i>L.</i>
D. Fernando Coelho,	<i>Arthur de Oliveira.</i>
tyranno.....	
Afonso, confidente de	<i>D. Filho.</i>
D. Fernando.....	
Alvaro da Cunha, de-	
pois cavalheiro de	<i>S. Saraiva.</i>
Alcacerquibir.....	<i>Bordallo.</i>
Ruy de Menezes.....	<i>Ferreira de Araujo.</i>
Zoraida, joven moura.	<i>Silva Pereira.</i>
Ensaia-dor.....	<i>J. Verin.</i>
Contra-regra.....	<i>Machado de Assis.</i>
Ponto.....	<i>Tragalabas.</i>
Pecha-vistas.....	<i>Arthur Acevedo, n.º 6.</i>
Critica official.....	<i>Julio Huelca.</i>
Scenographo.....	<i>Camara Lima.</i>
Guarda-roupa.....	<i>Ferro Cordozo.</i>
Machinista.....	<i>João Chaves.</i>
Aderescista.....	<i>Furtado Coelho.</i>
Musica e cabelleireiro.	
Encarregado de arre-	<i>Principe Natureza.</i>
ceber as Sr.ª.....	<i>Hudson.</i>
Bilheteiro.....	<i>Augusto de Carvalho.</i>
Acendedor do gaz.....	<i>Zaluar e Quintino.</i>
Inquisidores.....	<i>Ramos de Queiroz.</i>
Mascarados.....	
Cavalheiros portugue-	<i>Mme. Durocher.</i>
zes.....	

Soldados castelhanos. *W. Scully.*
Varredor do theatro. *N. N.*

Luizinha, romance de costumes cearenses antes da fome, por F. A. Araripo Junior. — *Eccé... ê. Eccé... To...*



O Primo Bazilio.

Comedia em um acto, original de uma habil penna, representada pela primeira vez no theatro Phoenix Dramatica, em beneficio do actor Silva Pereira (inedita — 78).



Primo Bazilio!

A tal senhora « habil penna », que, como abaixo se verá, não é a mesma que traduzio a *Volta do sr. Furtado*, mas outra de equal qualificação, aproveitou com tanta graça o assumpto, fez uma comedia tão viva, que podia ser assignada até pelo habil Penna.

As directoras do Collegio da Immaculada Conceição de Botafogo não poderão, porém, fazer representar esta composição pelas suas educandas no respectivo theatrinho.

Eis o meu juizo... critico.

Quanto ao desempenho:

O Silva Pereira fez do Bazilio um homem intelligente; não é papel para elle. Ao sr. Fellipe é que assentava como uma luva.

O Vasquez estava no seu elemento, e a Villiot nos seus elementos: medalhas e paixões.

A sra. Isabel Porto só é portugueza no nome; por isso não podia dar o typo da Juliana.

No fim da representação chamaram á scena o author.

Appareceu um medico.

— Bom! disse o publico; curou-nos o *splen*. E applaudiu o filho de Esculapio, que é pai da *Gazeta de Noticias*.

E retirou-se convencido de que o cartaz não mentia: a comedia fora escripta por uma habil penna.

A guerra no Parnazo.

A Luiz de Campos.

Ménia.

Caro poeta Luiz,
a tua sorte só quiz
que, gostando dos *negreiros*,
não fosses como os brejeiros,
infeliz!
que d'amor n'um desconchavo
te tornasses d'*Ella* escravo,
pobre poeta Luiz!

A tua sorte não quiz
que fizesses á tal dama
dos *negreiros* mais um drama,
infeliz!
um novo pastel para a scena...
perde a arte, e tu — que pena,
triste poeta Luiz!

A tua sorte só quiz
que dos *negreiros* o fado
te trouxesse n'um cortado,
infeliz!
preso ao potro — ao captivoiro,
como escravo do Junqueiro,
magro poeta Luiz!

A tua sorte só quiz
Cambalhota em poesia
tola e vesga, e todo o dia,
infeliz!
trejeitando em tom grottesco
esse amor fanabulesco,
bobo poeta Luiz!

A tua sorte só quiz
fazer-te Polichinello,
metter-te a alma n'um chinello,
infeliz!
Calla e chora e calla os folles,
senão vaes p'ra Rilhafolles
louco poeta Luiz!

PIETRO NERVI.

Triolet.

Assim caréca
Quando se é,
Leva-se a bréca,
Chama-se Zé.
Tri-o-lá
Tri-o-lé
Assim caréca,
Quando se é...

Rim-fom-fão.

Pelo mundo fóra
Nos nasce a vinha...
Percua loura
De retroz e linha.
E' de rim-fim-fim
E' de rim-fão-fão
Cardozinho!
Cardosão!

A Luiz Candido Furtado Coelho, official da ordem de S. Thiago, auctor do *Agiota*, do *Actar* e da *Actris*, do *Bom Anjo da Meia Noite* e do *Keon* do Sacco do Alforez.

Artista enorme!

Os tempos que correm vão mãos para as artes. A moderna geração, não tem a mais leve noção do Bello, não sente a menor aspiração para o Ideal. Só as almas fortemente temperadas, pelas mais arreigadas crenças, resistem á torrente invasora do que se chama realismo.

Dentre essas almas sobressahe a tua, artista grandioso. Tu resistes porque és forte, és forte, porque resistes, embora a tua força não esteja precisamente no lugar em que estava a de Samsão.

Eis porque se te dedica o presente numero do Besouro.



Tum-tum

Furtado não vai á igreja
Nunca alli elle derricha;
E é p'ra que saiba e veja:
— Caréca não vai á missa.

E vão-lhe á pelle:
— Caréca é elle!

Tuc.



Aviso

Seu Caruza, não se esqueça
De mais esta p'r'o alforece:
No *Basilio*, do Cassino,
Faz o Furtado S. Jorge.

Tac.



Atenção

(PARA O CURSO DE INSTRUÇÃO)

Quem quer sensações novas,
Preço bom, melhor o ensino?
— Professor habilitado:
Senhor Torres, do Cassino.

Chega povo! toca o hymno!

Tic-Tac.





Tu és esperto,
A esportiza é praga...
Mas tu és velho
Como a Sê de Braga.

Se não atacamos nenhum partido — comemos
bola — e contudo nenhum de nós tem apólices —
nem tem razão.

Olivier Jatin
Olé!
E' calvo tambem
Não é?



Se fallamos de cantores, artistas,
políticos ou litteratos, pertencemos ao
elogio mutuo, e nem sequer temos o
consolo de um olhar e um cartosinho
de visita com monograma.

Já perdi cabelos
De tanta raiva,
E perco o resto
Com o S. Saraiva.

Não temos
razão.

Nós perguntamos
— E' melhor então?
O mundo diz:
— Não têm razão!



Se tratamos de um amigo a quem applaudimos como poeta
e jornalista, mas a quem pela sua posição elevada nos vemos
forçados a dizer-lhe que arriou a quitanda no chão, e disse coisas
feias contra quem está sempre de pé e será mais forte do que
todas as píadas que lhe dirigem — o que não é official, nem
parlamentar, nem bonito — não temos razão nem assumpto.



EM NEGOCIO DA CHINA

Sei quem te dava um bom chinô, meu filho.
Era o Zé Feliciano de Castilho.



Se é na sciencia que mettemos o nariz, n'aquelle caso do barril apresentado pela policia para que decidam se está alterado o contheudo e se elle é sempre ou collages — precisamos tratar do assumpto sob uma folha de vinha — e ainda assim não temos decencia nem razão.

Oh tu Furtado
É's muito esperto,
Não tens cabelo
Como o Alberto.



Outra insidia... e perversa... O individuo collocado debaixo do nosso objectivo, demollo as suizas, como lhe demoliram as costas, esperando novo ministerio que lhe reconstrua ambas!!!... Perversos, que com o auxilio dos barbeiros e cabelleiros nos deixam ficar mal. — Não se parecem... por isso não temos razão.

Oh tu Alberto
É's atilado,
Mas não és calvo,
Como o Furtado.



Resta-lhes a consciencia, a litteratura... e o nariz. Porque não cortam tambem o nariz? — Esse sim que era um embaraço para nós.

Temos razão?... afinal porque se queixam? se nós somos justos — se não somos mais do que os photographos reproduzindo as msculas de vossos narizes, vossas litteraturas e vossas politicas?

O povo cá desta terra
Só me trata á tripa-rola,
Da-me palmas e mais palmas
E mais oleo de bolota.

As batatas do tenente-coronel

Na vitrine do Sr. Audouin acham-se expostas duas batatas doces, de quatro kilos cada uma que tem alimentado, diz o annuncio, uma familia inteira.

Estas batatas que, á primeira vista, e a um olhar despreocupado, não passam de simples productos vegetaes, mais ou menos grandes, tem, contudo, para os observadores, a sua philosophia e são como que uma noção de confiança ao actual ministerio.

Pois o que quer dizer o apparecimento de taes monstros nesta epocha essencialmente economica das ligeiras refeições? Aquellas batatas não parecem caminhar gravemente, sisadamente para o sr. ministro da guerra, e dizer-lhe:

— General! por quem é! Admitta-nos nos quartéis! Distribua-nos pelas tropas! Supprima os ranchos! Economias! Economias!.....

E o sr. ministro tinha um meio muito facil de conciliar tudo: desalojar os soldados dos quartéis e mandal-os — plantar batatas.

RICOLINI.



Ora o Furtado!

Não conheces o furtado?
velho — furtado — coelho,
que nasceo p'ra — ser fadado
caréca — furtado e velho,
um caréca que tem... bossas?

Sei! — cultor das artes... grossas,
caréca — furtado e velho,
que nasceo p'ra ser fadado
velho — furtado — coelho.
Pois — não conheço o furtado?



A' Musa realista

Sonhei contigo, ó Eva, ó mãe primeira,
Depois da mancha eterna do peccado,
Laseiva como o calice orvalhado,
E alva como a flor d'amendoeira.

Brilhava inda em teu rosto a luz fagueira,
Que a graça divina te havia dado,
É um laivo de pudor mal esboçado,
Na tenue cobertura de fagueira.

Doirava um sol brilhante a criação,
E as bisas perfumadas pelos brejos
Turbavam-me os sentidos e a razão.

Sonhando, ó Eva, ó mãe, tive desejos, —
Passou-me pela mente a tentação, —
De cubrir-te a nudez com os meus beijos.



A' Musa retumbante

Mulher! ó companheira forte e rude,
Que nutres sobre o seio gotejante
A nova geração, raça gigante,
Que bebe no teu leite a sã virtude,
Não cantam memestreis na alaude,
Os teus protestos mil de torna amante,
Nem buscam no teu rubido semblante
A doce pallidez, da má saúde.

No corte circular das largas aneas,
Na ampla redondeza do corpete,
Revelas o vigor das almas brancas,
Mais forte que um arnez ou capacete,
Tu tens a mão afeita ás alavancas,
(E o pé ao duro callo e joanete).



A' Musa romantica

Se eu fujo de te vêr, de ti me esquivo,
Lanceiam-me as saudades não te vendo;
Se volto p'ra teu lado, mal entendo,
Padeço por me vêr de ti captivo.

Se pôde muito em mim teu gesto altivo,
Ao pranto, ao rogo teu também me rendo;
Se a vida de teus olhos fio e prendo,
Por vêr-os, se os não vejo, existo e vivo.

O' duro fado meu, negro destino,
Que assim me deixas só, ao desabrigio,
Tornando me o viver triste e molino;

O teu cruel rigor inda bendigo,
Se dando por exemplo o meu ensino,
Sepultas este amor junto comigo.

A's damas, nós...



emos tambem no nosso espirito uma pontinha de iniciativa; e como estamos em plena epocha das iniciativas, das lutas, dos torneios, dos encontros, dos abalroamentos, das exposições e dos premios, vamos propôr uma pequena recompensa á bella vencedora de um pequeno torneio...

A arena é um quarto de papel da china; a causa da luta é uma charada, sem conceito, cercada de risonhas e finas eliminuras, unidas e entrelaçadas como uma corba.

Diz a charada:

Dão-se joias de valor
Avaliadas pelo Paiva,
A quem disser no Cassino
Quem é o S. Saraiva.

A quadra é de pé alcançado, mas não faz mal.

Agora o premio, oh bella e loura advinha, sim porque advinho que a decifradora é loura; o premio é um lindo *porte-bonheur*, feito de uma mecha de cabellos, e de ouro cobrado.

Só quero, eu, ter o prazer de apertar tão merecida joia no braço não menos merecido.

JULIÃO.

Cri-cri.

Candinho fica zangado
Arripia todo o pello
Quando se diz que o coitado
Já perdeu todo o cabelo...
Caraca é elle
E bem, coitado!
E bem caraca
O seu Furtado!

Toc.



Cri-cri.

Candinho montou um drama
Pensando que não cahia;
Agora está muito em moda
Tomando banhos d'agua fria...
Caraca — o pai,
Caraca — a mãe,
Caraca — o filho
— Que já lá vai!

FIM-FIM.



Tric-trac.

Na casa d'elle
Os ladrões entraram
E os cabellos
Já lhe furtaram...
E o coitado
Ficou furtado;
Ai! com a breca
Como elle é caraca!

FIM-FIM.



Claque-Claque!

Entre bohemios:
— Hoje dormi muito commodamente...
— Oh!
— *Commodamente*, quero dizer, em cima de uma commoda.

O Sr. Benjamim Barreto fez o sacrificio, nas aras do Amor, das suas bellas suissas *scendrées*.
Será para melhor *basiliar*?

— Porque fogos de Fulano?
— Ora! é um sujeito insupportavel: só me pagou dous calices de *cognac*.

Encontrámos a actriz Luvinia risonha e fresca, que ia tomar o *bond* do Mangue... parecia que ia fazer uma vingem a *Cythera*!

Lembrou-se um frade barbadinho, muito conhecido do nosso publico, de ir assistir á leitura do drama *Horrores da Inquisição*!

Foi collocar-se, sósinho, nas galerias, tomando de vez em quando as suas pitadas e lançando olhares gulosos para a Sr.^a D. Maria Ribeiro, que estava na orchestra com uns modos melancolicos e um *prince-nez* azul.

O Sr. Vicente de Souza, que lia o 4.^o acto, exclama de repente muito entusiasmado:

Vôzes fóra:

Abaixo o frade! Desça o frade!

O barbadinho cuida que é com elle e desce a correr como endomilhado as escadas, profirindo obscenidades.

O que dirá o *Apostolo*?

CHARVOVARY.

TRIO. EPISODIO ANTIGO.

D. Luiz

Aqui tem Bella Dona o *primo* amado,
Que vem do roza e logro corado,
A' vossos pés. Mui bem o conheccis.

D. Censura

Céos! pois que, és tu?

Cardozinho

Sou bem o veis.

D. Censura (terna)

Oh Dante! Genio! Nama Pompilio!!!
Es' tu o author do *Primo Bazilio*?

D. Luiz (com força)

Sim é elle.

Cardozinho (estendendo um rôlo)

Eu sou; aqui está a prova.

D. Censura (com enleio)

Oh deixa, oh deixa ver! oh bella creatura!
(folheia o quaderno)

Censura

Mas o que é isto? o que... o que tu tens

Filho onde está essa *sensatio* nova?

Cardozinho (tremulo)

Mãe Censura por quem é, olhe por quem...

D. Luiz (á parte)

Bolas!... diabo o carregue; o esquecimento...
(alto)

Mas si elle fór fazel-a n'um momento?

D. Censura

Então direi; tu filho... foste bem!

ELYSEO LOURO.



Quem faz as caricaturas são os Srs. ? com suas leis,
seus livros, seus versos, suas histórias e tal et cetera ?...

Olha cá oh meu Furtado
Evita esse sarilho,
Entrega já depressa
A peruca do Castilho.



Respeitamos apenas as Senhoras,
o que não quer dizer as mulheres —
agora os homens ? ora essa ! sejam inu-
teis que nada lhes diremos ; não fallem,
não pensem, não escrevam, senão o

borrador da venda, que abrirem, que
os deixaremos tranquilos atrás da sua
insignificância, mas se forem notáveis
ou ridiculos — zás — estampa com elles.
Os nossos amigos que nos perdoem
nos digam se temos razão.

Furtado escuta : — amo-te
E disse dou-te a prova ;
Em vez do chinó, t'onde
O cráneo na manta nova.



O primeiro, o melhor, o unico caricaturista, o nosso
mostra, aquelle que inventa as caricaturas politicas, littera-
rias, scientificas e todas que nós reproduzimos & S. M. o
Imperador.

E' elle quem faz os Ministros, os Senadores, os deputa-
dos, os confeiteiros, sapateiros, os artistas, os barbeiros, etc.,
— quem os ridicularisa é Elle — e só as caricaturas d'Elle
irão á historia — as nossas — não — mesmo porque nunca
temos razão.



E tempo será
Tri-6-16.
O'rca é elle
E' elle 26.
O'rca ohé
O'rca ohé.

REVISTA DE BARRILLO VINGE O
No. 1110 - 1178